

Cine Palace: a memória e as redes de sociabilidade do último cinema de rua em Juiz de Fora¹

Hyrlla Lobo TOMÉ²

Christina Ferraz MUSSE³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo

No período em que os cinemas de rua estão cada vez mais em extinção, o CineArte Palace permanece aberto em Juiz de Fora, como último remanescente da época áurea dos cinemas, sendo leiloado recentemente e podendo perder sua função cinematográfica. As relações de sociabilidade alteraram-se com o tempo e, por consequência, a relação de consumo do cinema também. A presente pesquisa objetivou recontar, através de arquivos de jornais e entrevistas em profundidade utilizando o método da história oral, a importância e participação do antigo Cine Palace na história da cidade. Observou-se sua relação com o centro em que estava localizado, com seus frequentadores, antigos funcionários e filmes exibidos.

Palavras-chave: cinema de rua; audiovisual; sociabilidades; memória; cidade.

1.Introdução

As relações de experiência e consumo relativas ao cinema alteraram-se drasticamente nos 118 anos desde a primeira exibição cinematográfica no Brasil. Dos luxuosos prédios construídos especificamente para o mercado de exibição, as salas migraram para o interior dos *shoppings centers*, em formatos multiplex⁴. Resultado desta mudança, não somente os espaços físicos tomam nova forma, mas também as interações promovidas nesses espaços. Como afirma Janice Caiafa (2012, p. 137), “para cada época, para cada tecnologia empregada, parece haver a formação de afinidades com o tipo de apropriação espacial e diferentes formas de compartilhamento de vivências nos territórios”.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista de Iniciação Científica do projeto Cidade e Memória: A construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. É também integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura da Faculdade de Comunicação UFJF. E-mail: hyrlla.tome@gmail.com

³ Professora e vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. É orientadora do presente artigo e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura da Faculdade de Comunicação UFJF. E-mail: musse@terra.com.br

⁴ Os multiplex são caracterizados por pelos vários cinemas aglomerados, sendo eles um “modelo mais eficiente de atendimento aos interesses dos novos consumidores e do mercado cinematográfico contemporâneo” (ASSIS, 2006, p.66)

Antes das alterações estabelecidas pelas novas relações de consumo e leis mercadológicas, os encontros interpessoais no escurinho do cinema já foram uma das principais motivações de jovens e adultos ao saírem de suas casas. Os anos de 1930 a 1950 marcam a época áurea dos cinemas de rua, em que o “equipamento coletivo de lazer sala de cinema se afirmou de vez no contexto urbano” (CAIAFA, 2012, p. 130). A integração entre cidade e equipamentos cinematográficos formava o que Caiafa (2012) denomina de “malhas urbanas”, relações cidadinas estendidas para além dos significados imediatos, que permitiam a constante reconfiguração da cidade.

O CineArte Palace é mais um dos chamados “lugares de afetividade”. Localizado na rua mais movimentada da cidade, o cinema faz parte das complexas redes de sociabilidade e já foi uma das principais atividades de lazer do juiz-forano de classe média. Musse (2008) descreve as alterações cartográficas de Juiz de Fora, cidade localizada no interior de Minas Gerais, a 283 km de distância de Belo Horizonte:

Neste sentido, é sintomático que, ao estudarmos Juiz de Fora, tenhamos observado que, ao pensarmos a esfera pública, a maior parte dos espaços considerados como “lugares de afetividade” pelos entrevistados desta pesquisa, lugares estes que poderiam ser identificados pela praça, a rua, o cinema, a galeria de arte, o diretório acadêmico, o botequim, foram paulatinamente sendo substituídos, na cartografia da cidade, por *espaços de trânsito* intenso, de automóveis e ônibus, no lugar dos pedestres, bondes e trens, o que significa a apologia à velocidade e à mobilidade, ou por *espaços de consumo*, lojas de roupas, sapatos e eletrodomésticos, em que a conversa e o diálogo foram substituídos pela relação impessoal da compra e venda. Com relação às áreas periféricas, ou elas são tomadas pelas invasões e ocupações irregulares, ou tendem a ser domesticadas, com a construção de condomínios de luxo. (MUSSE, 2008, p. 54)

O presente artigo pretende descrever a história, bem como as antigas redes de sociabilidade do CineArte Palace, último cinema de rua ainda em atividade de Juiz de Fora.

Dando continuidade ao movimento de constante renovação do espaço urbano, o prédio do cinema foi leiloadado no dia 25 de abril de 2015, segundo informações do jornal “Tribuna de Minas”, pelo valor de R\$ 6.745 milhões, podendo encerrar suas atividades cinematográficas a qualquer momento. “Atualmente, o imóvel é alugado, por cerca de R\$ 18 mil, pela Prefeitura, que cede o uso das salas para o Circuito Espaço, de São Paulo. Em contrapartida, a Funalfa⁵ recebe 7.200 ingressos para nove sessões semanais de cinema”. (TRIBUNA, 2015).

Juiz de Fora possui uma vasta tradição do audiovisual e pioneirismo. No prefácio do livro “Memórias do Cineclubismo”, Musse (2008) destaca o legado da cidade:

⁵ A Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – Funalfa é responsável pela política cultural do município

Foi a primeira cidade da América Latina a ser iluminada com luz elétrica; a primeira de Minas a assistir à exibição de cinema; (...) transmitiu pela primeira vez, ao ar livre, imagens de televisão, no Brasil, e gerou imagens para a primeira TV experimental do interior da América Latina; organizou o Primeiro Festival Nacional do Cinema Brasileiro, o Encontro Nacional de Cineclubistas e é reconhecida pela sua vasta e premiada produção audiovisual (ARANTES; MUSSE, 2014, p.19)

Para Maurício Assis (2006), a existência social está intrinsecamente ligada à sociabilidade. Para as diversas conquistas da cidade anteriormente citadas, fizeram-se necessários pontos de encontro, expansão da rede de sociabilidade. O ser humano, enquanto ser social, precisa estar em constante contato com seus iguais, e a antiga paisagem do centro juiz-forano propiciava inúmeros desses pontos, como os seus cinemas, entre eles o Cine Palace.

A partir do projeto de pesquisa “Cidade e memória: a construção do imaginário urbano pela narrativa audiovisual”, foi feita a pesquisa em acervos de jornais e entrevistas em profundidade, utilizando o método da história oral, para reconstruir o perfil do Palace, tentando abranger as suas mais variadas facetas.

2. Memória e sociabilidade dos cinemas

Para compreender a rede simbólica que envolve o CineArte Palace, último cinema de rua de Juiz de Fora, é preciso analisar os seus mais diversos aspectos: a localização, o prédio em que funciona o cinema, os filmes que exibia, seus funcionários e seus frequentadores. Entendendo o cinema enquanto produtor de conteúdo que transcende às telas e prédios, a presente pesquisa propôs a análise de detalhes que compõem um representativo maior do que já foi o Cine Palace. Não se propõe a profundidade plena em nenhum dos pontos apresentados, mas, sim, traçar um perfil analítico da sociabilidade promovida pelo Palace.

Bruno Latour (1994) discute a tendência do homem moderno em separar as suas questões, para que elas permaneçam puras: o que é natural não pode misturar-se com o que é cultural. No entanto, os seres humanos são, por si só, híbridos e todas as suas relações se mesclam numa rede de sentidos, com diversas dimensões que, geralmente, são analisadas separadamente. Os cinemas de rua, enquanto estabelecimentos comerciais físicos, expõem uma infinidade de problematizações, levando em consideração as conexões entre pessoas, filmes, alimentos, cidade, entre outros pormenores. Não é possível, portanto, abordar o hábito

de ir ao cinema sem estudar todas as variáveis que constituem a peculiaridade de cada estabelecimento.

Os cinemas de rua eram sinais espaciais de modernidade na época do crescimento das cidades brasileiras, período em que um grande número de pessoas experimentou a tecnologia da tela grande pela primeira vez, onde seu mundo era percebido e reproduzido de uma maneira inteiramente nova (ASSIS, 2006, p. 17). A associação entre cinema e modernidade é um tanto específica e apenas é entendida se dentro do contexto da cidade, já que, de acordo com Assis (2006, p. 17), “foi esta que proporcionou a arena para a circulação de pessoas e mercadorias, onde entre troca de olhares, encontros, namoros e conversas se constituiu um tipo de sociabilidade e de consumo”.

A cidade, por si só, já é um espaço de sociabilidade, por permitir encontros entre conhecidos e estranhos. As praças, botequins, galerias de arte e cinemas, ou os “lugares de afetividade” (MUSSE, 2008) formam os pontos de encontro, onde é possível vivenciar longas, ou até mesmo curtas, conversas despreziosas sobre os mais diversos assuntos. O ato de ir ao cinema, foco central da presente discussão, persiste numa série de escolhas do indivíduo: qual filme, qual cinema, qual sessão, acompanhado de quem, ou sozinho, e em todas estas questões as interações serão diferentes. Assis (2006, p.20) conclui que sociabilidade são diferentes interações entre indivíduos. Os propósitos são vários, como “instintos eróticos, impulsos religiosos, busca do lucro, da amizade, das relações amorosas, da formação cultural e do entretenimento” (ASSIS, 2006, p.20), e, desde que haja reciprocidade na interação, há sociabilidade.

No entanto, como citado anteriormente, as relações promovidas pelo ato de ir ao cinema foram alteradas pela lógica de consumo atual. Caiafa (2012) acredita que esta atividade está sendo adaptada à nova maneira de viver os acontecimentos, em que há uma abreviação da experiência. Ou seja, o cinema de *shopping* promove uma interação condensada. Os encontros neste novo espaço são movidos pelo consumo, sendo assim, a ida atual ao cinema é mais filtrada e asséptica. Os cinemas de outrora possuíam a sua personalidade, seus tipos de filme e, portanto, público eram bastante específicos; os *shoppings* descaracterizaram os cinemas em seu estilo e diminuíram as chances dos encontros com o desconhecido, pessoas diferentes. Assis (2006) justifica estas mudanças de consumo do cinema quando afirma que “os cinemas transformaram os seus espaços e as suas formas de uso pelos seus frequentadores, simultaneamente às transformações ocorridas na cidade”.

O desaparecimento dos cinemas de rua no Brasil também foi alvo de preocupação da Ancine – Agência Nacional do Cinema, que desenvolveu uma pesquisa analítica em 2010, para dar conta da nova configuração espacial cinematográfica e suas novas formas de uso:

Na esteira das mudanças ocorridas no setor da exibição, fatores como a entrada de empresas de capital estrangeiro e a implantação de um novo modelo de organização das salas, a mudança nos hábitos de consumo de cinema e a crescente modernização do parque tecnológico aumentaram a distância entre os grandes empreendedores da exibição (empresas multinacionais e alguns exibidores de capital nacional) e os pequenos exibidores, que invariavelmente mantêm cinemas ‘de rua’ por tradição familiar e tiveram que disputar o mercado em áreas menos atrativas. (BRASIL, 2010)

A fim de narrar a antiga espetação e rede de sociabilidade do CineArte Palace, antes da transformação do uso de seu espaço, é preciso reconstruir este cenário, através de pesquisas em arquivos e também das memórias dos que presenciaram esta época.

Maurice Halbwachs (1990) é reconhecido por seu trabalho “A Memória Coletiva”, afirmando que cada sujeito carrega em si as memórias de tantas outras pessoas, adquiridas através de conselhos, leituras, conversas e outras interações. A memória coletiva é fundamental para recriar as vivências de um determinado grupo, sendo o grupo da presente pesquisa aqueles afetados pelo Palace. As salas do antigo cinema promovem um sentimento nostálgico para os seus antigos frequentadores e funcionários. Halbwachs (1990) esclarece a relação entre indivíduos e prédios pontuando que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo” (HALBWACHS, 1990, p. 33). A partir da metodologia da história oral, que destaca o lugar que as informações obtidas através das narrativas dos que viveram ou presenciaram determinado tema ocupavam (ou ocupam) no contexto histórico e cultural (ALBERTI, 2013), é possível restaurar a parte da memória da cidade que ainda sobrevive nas memórias de seus habitantes.

3. O Cine Palace

O antigo Cine Palace, localizado na rua Halfeld, 581, centro de Juiz de Fora, foi construído no local onde originalmente funcionava a Casa Cirino⁶, prédio destruído por um incêndio. A construção do projeto do engenheiro elétrico Ermelindo Spigolon foi iniciada em 1941 pela Construtor José Abramo e foi adquirido pela Exibidora Brasil América Ltda, de São Paulo. A inauguração do cinema aconteceu em 19 de novembro de 1948. Os

⁶ Antigo casarão de uma importante família da cidade

agradecimentos pela construção do cinema constam numa pequena nota da edição de novembro de 1948 do jornal juiz-forano “O Lince”:

Os juizforenses Domingos e Luiz Vassalo Caruso, residentes na Capital da República, onde se tornaram inteligentes líderes cinegrafistas, num gesto que muito os dignificaram perante seus conterrâneos que aqui ficaram, acabam de presentear a sua e nossa cidade, com um cinema luxuoso, em moderno edifício próximo à rua Halfeld, esquina Batista de Oliveira e com o funcionamento de cinco sessões diárias. (O LINCE, 1948)

A nota do jornal mostra que a construção do Cine Palace foi possível, principalmente, pela proximidade de Juiz de Fora com a antiga capital federal, Rio de Janeiro. Os irmãos Caruso, citados como os presenteadores da cidade, cresceram no mercado cinematográfico no Rio de Janeiro e foram figuras importantes na instalação de circuitos de cinema de rua em Leopoldina⁷. Em 1949, o Cine Palace foi vendido à Cia. Central de diversões, da própria família Caruso. Waltencyr Parizzi, antigo gerente do cinema, conta como foi o início desta história:

Aconteceu o seguinte: a família Caruso, dona da Cia. Central de Diversões, na figura do sr. Domingos Vassalo Caruso, comprou a companhia que eu trabalhava. Eles vieram e se apresentaram dizendo que iriam comprar a Cia e foi aonde que ele falou que vamos construir o cinema Palace (...). Começaram a fazer o cinema e depois de uma parada, ficou parado muito tempo, sem mexer, por conta de dificuldades financeiras e depois voltou a fazer o cinema. Aquela coisa maravilhosa! (PARIZZI, 2015)

Em 1955 foi inaugurada no cinema a tecnologia *cinemascope*⁸, ganhando nota especial na sessão do colunista social Décio Cataldi. O filme que estreou a reabertura do cinema foi “Ricardo, Coração de Leão” (*King Richard and the Crusaders* - David Butler, 1954, EUA) e o dinheiro arrecadado com os ingressos foi transferido para as obras da Catedral de Juiz de Fora:

Finalmente hoje teremos a inauguração do CINEMASCOPE no Cine-Palace, em apresentação especial e dedicada às obras da Catedral de Juiz de Fora. Com a necessária antecedência, distas damas de nossa sociedade, trabalharam com o mais vivo interesse na venda dos ingressos para a “avant-première” da película “Ricardo, coração de leão”.

O filme é imponente, pela sua história, pelo seu grande elenco e, finalmente, pelo sistema warnercolor⁹.

O sistema técnico de uma sala de projeção tem de ser radicalmente alterado para a introdução do CINEMASCOPE, principalmente na parte sônica.

⁷ Cidade da Zona da Mata mineira, localizada a 96,7km de distância de Juiz de Fora.

⁸ Tecnologia de filmagem e projeção que utilizava lentes anamórficas, permitia uma grandeza visual e som *surround*.

⁹ Sistema de coloração cinematográfica utilizado pelo Warner Bros. Pictures, em meados da década de 1950, em alternativa ao sistema technicolor.

E, para esse fim, o Cine-Palace esteve com as suas habituais sessões interrompidas para receber os requisitos da técnica moderna.

Aqueles que, por qualquer motivo, ainda não adquiriram seus ingressos através das “patronesses” poderão fazê-lo na bilheteria, comparecendo ao grande espetáculo cinematográfico marcado para as 21 horas, prestando assim um apreciado apoio às obras da Catedral de Juiz de Fora. (CATALDI, 1955)

A diferença das relações antiga e atual entre cinema e cidade é perceptível na nota acima. O cinema era uma instituição urbana, conectada com as demais. Por não ser simplesmente gerido por uma grande empresa, mas, sim, por funcionários que se tornavam conhecidos no meio social, um acordo entre cinema e população, como o de reverter a verba dos ingressos para a construção da Catedral, era muito mais fácil e acessível.

O edifício de três pavimentos tem sua arquitetura descrita, exemplar do art-déco, como assentada no alinhamento do passeio, tomando uma esquina, “cujo ângulo de interseção é cortado por painel encurvado que se apresenta ladeado por segmentos assimétricos com planos que se salientam em relação à fachada”. (PREFEITURA, 2002)

O Cine Palace não era um cinema para todos. Desde sua arquitetura moderna, até os seus filmes, ele é constantemente lembrado por ser um dos cinemas mais chiques da cidade. Possuía 1005 lugares, “sala de espera com espelhos bisotê importados da França e uma programação mais dirigida ao público feminino, exibindo principalmente musicais” (ROCHA, 1999). Este luxo é destacado por Elizabeth Fernandes, filha de uma das antigas bilheteiras do cinema. Ela descreve a parte interna do Palace e o uniforme dos funcionários no final dos anos 1960:

O Palace era muito chique. As portas todas forradas com veludo, com portões dourados, de abrir assim. Todo espelhado, a frente dele, toda espelhada. Com tapete, uma coisa muito... isso foi por volta de 1967, 1968... já era assim. Então, os funcionários todos uniformizados de jaleco branco, calça preta com listra vermelha aqui. A blusa branca com listra vermelha nos braços, botão atravessado assim, dois botões. E eles [os porteiros] tinham que ficar impecáveis. Sapato preto... as bilheteiras não tinham uniforme. Algumas Até faziam jaleco e colocavam nome. (FERNANDES, 2015)

Elizabeth também retrata a antiga rua Halfeld, antes de ser fechada ao tráfego de carros formando o calçadão atual, em que se encontra o Cine Palace, num período de crescimento e muitas construções:

Não era calçadão, né, era rua comum. Então, tinha passeio de um lado, passeio do outro e circulava carros, mas era muito cheia, porque era o point. Tinha na praça do [Cine-Theatro] Central o Astoria, que era um restaurante muito cotado, muito chique. Já tinha farmácia Dia e Noite, em frente ao Palace. Eles estavam construindo aquela galeria (...) que entra na Halfeld e sai na [rua] Batista [de Oliveira]. É Top Center, eu acho. (FERNANDES, 2015)

O jornalista e professor Rodrigo Barbosa também se recorda da interação dos cinemas da Halfeld com a própria rua: as histórias que eram contadas nas telas eram estendidas até as mesas de bares e restaurantes:

Então a gente saía dali, do Palace e já tinha uma galera ali com a cerveja aberta ali na mesa. Ali a história continuava. Então, eu acho que essa coisa de estar na rua tem essa característica interessante da cidade: era uma extensão do cinema e vice-versa, e quando não era sentado na calçada, na escada do Central. (BARBOSA, 2015)

Não somente a relação com os cinemas que foi alterada. O centro da cidade ainda era sinônimo de luxo e glamour, sendo muito elitista. Atualmente, a rua Halfeld é o ponto de consumo central de Juiz de Fora. Nela se encontram diversas lojas de departamentos, franquias de lojas roupas, lojas de calçados, vestuário e artigos para o lar de baixo custo, além de diversas lanchonetes. Contrastando com a atualidade, o centro da época de Elisabeth Fernandes era o polo cultural, um lugar para ser visto na sociedade.

As pessoas muito bem arrumadas, porque a gente falava assim "Nós vamos na cidade". Então, pra ir na cidade, você tinha que ir bem vestido. Não é que nem hoje. "Ah, estou aqui de chinelo, vou assim...". Não. Pra ir na cidade você tinha que ir impecável. Não sei o porquê, eu acho que era o hábito. (FERNANDES, 2015)

Por conseguinte, o Cine Palace também era um cinema de alto padrão, frequentado por pessoas de classe média e classe média-alta. Fernandes o compara com o Cine-Theatro Central, prédio de grande beleza arquitetônica e artística tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, um dos maiores cinemas de sua época, também localizado na Rua Halfeld.

O Palace era um cinema mais chique, era o cinema da classe alta, então a clientela era mais exigente, muito mais elegante. O Central por ser maior, eu acho que era o mesmo tipo de clientela, mas por ser muito grande não parecia tanto, porque quando a pessoa entrava no Cinema Palace ela estava colada na Rua Halfeld, já entrando no cinema. No Central, não. Você tinha a praça, até você chegar lá, quem estava aqui andando no passeio, não estava prestando atenção em quem estava entrando lá dentro no cinema Central. O Palace já era o contrário, você já estava de frente ali. Agora, tinha filme que dava fila de dobrar, que saía dali, entrava naquela primeira galeria, saía lá na São João, no Palace também. Porque eles dois que passavam os melhores filmes. (FERNANDES, 2015)

Waltencyr Parizzi também lembra do rigor dos trajés do cinema:

Para entrar no Cinema Palace você não entrava do jeito que você está vestindo aí, não [de camisa de algodão e calça jeans] e, também do jeito que eu estou, também não entrava [camisa polo e calça social]. Você tinha que estar é com paletó e gravata. Tudo arrumadinho e todo bonitinho. O porteiro que pegava o ingresso

não deixava entrar. As pessoas até sabiam que, se estivessem vestidas de certa maneira, elas já nem compravam o ingresso. Para ir ao cinema tinha que ir arrumado. Essa era verdade. Pra frequentar o cinema hoje você pode entrar de bermuda, naquela época era uma coisa de elite. E o cinema Palace era muito bem frequentado. (PARIZZI, 2015)

O Palace era o palco dos festivais. O Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) utilizou o local para assistir e discutir diversos filmes. Em 1966, foi promovido um festival de cinema francês, com fitas da Cinemateca de Paris (ROCHA, 1999).

4. Filmes e encerramento do Cine Palace

O levantamento estatístico realizado pelo projeto “Cidade e Memória: A construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual” verificou a programação de cinema no jornal local Diário Mercantil, que circulou na cidade de Juiz de Fora entre os anos de 1912 a 1983. A metodologia foi selecionar os sete primeiros e sete últimos dias de apenas um mês para cada ano analisado. Foram considerados os anos de 1960 ao ano de 1983, ano de fechamento do Jornal “Diário Mercantil” e penúltimo ano da primeira fase de fechamento do Cinema Palace. Todas as informações dos nomes originais, gêneros, ano de lançamento, país de origem e diretor foram retiradas do Internet Movie Data Base (IMDB), disponíveis em <http://www.imdb.com/>.

A partir desse levantamento, que serve como um pequeno recorte de toda efervescência do cinema de rua de Juiz de Fora de outrora, observa-se a origem e o predomínio de gênero fílmico. Para se ter uma ideia, a maioria dos filmes deste levantamento, cerca de 43%, foram produzidos nos Estados Unidos, em segundo lugar vem os filmes brasileiros (com 14%) e, em terceiro, os filmes do Reino Unido, com 11%. Dentre os americanos, o musical “Garotas e mais garotas” (*Girls! Girls! Girls!* - Norman Taurog, 1962, EUA) estrelado pelo ícone do rock Elvis Presley e o aclamado “2001: Uma Odisséia no Espaço” (*2001: A Space Odyssey* - Stanley Kubrick, 1968, EUA) estiveram em cartaz no Cine Palace. Entre os nacionais, “Como Era Gostoso o Meu Francês” (1971) de Nelson Pereira dos Santos e uma série de filmes dos famosos “Os Trapalhões”. Ademais, observa-se a presença de filmes italianos, tais como “O Jardim dos Finzi-Contini” (*Il giardino dei Finzi Contini* - Vittorio De Sica, 1970, ITA) e o faroeste “Johnny Yuma” (*Johnny Yuma* - Romolo Guerrieri, 1966, ITA).

Quanto aos gêneros, no período analisado, os filmes de drama eram a maioria (31%), seguidos pelos de comédia (21%) e musicais (6,6%). “Um Tiro na Noite” (*Blow Out*

– 1981, EUA) do diretor Brian de Palma, estrelando John Travolta e “Momento de Angústia” (*The Angry Silence* – Guy Green, 1960, Reino Unido) são dois filmes de drama que passaram no Palace. As comédias temos o filme nacional “Cômicos e Mais Cômicos” (Jurandyr Passos Noronha, 1971) com Grande Otelo e o americano “As Incríveis Peripécias do Ônibus Atômico” (*The Big Bus* - James Frawley, 1976, EUA). Não se pode esquecer dos musicais, tais como “Os Embalos de Sábado à Noite” (*Saturday Night Fever* - John Badham, 1977, EUA), “A Fantástica Fábrica de Chocolate” (*Willy Wonka & the Chocolate Factory* - Mel Stuart, 1971, EUA) e “A Noviça Rebelde” (*The Sound of Music* - Robert Wise, 1965).

Estes filmes constituíram o imaginário da cidade, alguns até marcaram vidas. Um exemplo de marca que o Palace deixou através de seus filmes é a vida do jornalista Rodrigo Barbosa, que, aos 14 anos, decidiu qual seria sua profissão ao assistir ao filme “Todos os Homens do Presidente” (*All the President's Men* - Alan J. Pakula, 1976, EUA), já numa relação diferente com o cinema, mais flexível e voltada para o público jovem, no final dos anos 1970.

Eu fui no Cine Palace, eu tinha 14 anos de idade, assistir um filme chamado “Todos os homens do presidente”. (...) é um filme com o Robert Redford e o Dustin Hoffman, fazendo o papel dos dois jornalistas americanos que fizeram toda a investigação do caso Watergate, que levou a renúncia do presidente Nixon, isso em 1972, 1973. Eles fizeram todo o trabalho de investigação da existência de escutas do partido republicano dentro da central do partido democrata, comandado pelo governo e a coisa foi de tal forma avançando que levou à renúncia do presidente dos Estados Unidos. Imagina né... E o filme conta a história, o bastidor da história dos dois jornalistas (...). E eu lembro direitinho de sair, em um dia de tarde da semana, ali no calçadão... Saí do Palace, eu subi no calçadão e falei "É isso que eu quero ser na vida. O que eu quero ser é igual a esses caras aí: eu quero ser jornalista, eu quero fazer isso". (...) eu tinha 14 anos e não mudei de ideia. (BARBOSA, 2015)

Nos anos 1980, foi iniciado o fechamento em massa dos cinemas de rua em todo o mundo. Como afirma Ferraz (2010), os modos de exibição estão intrinsecamente ligados à postura dos espectadores. Os cinemas e as salas não eram mais representativos de uma novidade, o vídeo cassete havia se popularizado e a televisão imperava nos lares, propiciando uma forma de lazer mais privada e segura (ASSIS, 2006, p. 61). A partir desta década, as sociabilidades dos encontros nas ruas estavam deslocando-se para um novo ambiente: os *shopping centers*.

No dia 18 de novembro de 1984, às 21h, cerca de 200 pessoas, ironicamente, assistiam ao filme “O Sentido da Vida” (*The Meaning of Life* - Terry Jones, Terry Gilliam, 1983, Reino Unido), do grupo inglês Monty Python, a última sessão do Cine Palace.

No mesmo ano, o prédio do cinema foi adquirido pelo Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj), com a pretensão de instalar ali uma sede. O projeto foi inviabilizado e o cinema foi, aos poucos, deteriorando-se.

Em união da iniciativa privada e poder público, o processo para a declaração de interesse cultural do prédio foi aberto em 1988 e, por uma série de atrasos, somente foi decretado em 10 de abril de 1992. Mesmo com a proteção do município, o prédio tornou-se abrigo de moradores de rua, que o invadiram. Os jornais da cidade fizeram pressão para que o banco responsável pelo imóvel tomasse as devidas providências.

Apesar de anunciada diversas vezes pelo BANERJ, a recuperação do prédio do antigo Cine Palace, para transformação em agência na cidade, não passou de uma promessa. Mesmo após a divulgação do projeto, já elaborado pela divisão de engenharia do Banco, várias razões foram apontadas para que as obras não fossem iniciadas, até mesmo as dificuldades das instituições financeiras, em razão dos sucessivos planos econômicos. (TRIBUNA, 1993)

Outra nota do jornal Tribuna de Minas, também de 1993, descreve a atuação do departamento de Higiene e Medicina Preventiva da cidade, que notificou o Banerj para que lacrasse os acessos ao edifício do cinema e evitar o abrigo de mendigos:

O prédio onde funcionava o extinto Cine Palace, de propriedade do Banerj, teve suas portas e janelas lacradas com tijolos e concreto, de acordo com notificação feita pelo departamento de Higiene e Medicina Preventiva, da secretária Municipal de saúde. O assessor de gerência do banco, Cláudio Bastos, informou que mendigos arrombaram a porta e invadiram o local, transformando em depósito de lixo. Por isso foi determinado o fechamento de qualquer acesso ao prédio, situado na esquina das ruas Halfeld e Batista de Oliveira.

O diretor do departamento de Higiene e Medicina Preventiva, Márcio Luiz Itaborahy, confirmou as informações. Ele disse que havia, realmente, mendigos no local e, inclusive, ao verificar a origem de um sangue que escorria do prédio, descobriram que era proveniente de um embrulho de açougue. O Banerj tem um projeto de construir uma nova sede ali, mas ainda não há definição de prazos. (TRIBUNA, 1993)

Depois de 15 anos desativado, o espaço do Palace é restaurado pelo Banerj e reaberto em 1999 com o nome de CineArte Palace. A sala única, com mais de mil poltronas, foi dividida em duas com aproximadamente 200 lugares. Uma parte da antiga sala foi utilizada, também, para a ampliação do espaço da bilheteria e instalação de uma cafeteria, possuindo, ainda, o projeto de uma futura livraria. A intenção era de que o novo Palace fosse

parte, novamente, da efervescência cultural do centro de Juiz de Fora. A estreia do “novo” cinema foi notícia no jornal “Estado de Minas”:

Os três filmes que vão marcar a estréia dão uma ideia de como será o direcionamento dos trabalhos. Na quarta-feira, a sessão especial será com "Mauá - O imperador e o rei", de Sérgio Rezende, e quinta-feira acontece a pré-estreia do filme " Um Copo de Cólera", com presença do diretor Aluizio Abranches e dos atores Júlia Lemmertz e Alexandre Borges." (HOTZ, 1999)

Em 28 de maio de 2004, o prefeito Tarcísio Delgado decreta o tombamento da fachada do Cine Palace, considerando o valor histórico e cultural que o envolve; suas características arquitetônicas, exemplar do art-déco; e o significado do antigo “Cinema Pálace”, como polo cultural da cidade.

Para dar continuidade à sua existência, a Exibidora Brasil América Ltda., novamente responsável pelo cinema, desenvolveu projetos, em parceria com a Prefeitura de Juiz de Fora, de inclusão social, como o “Cinema para todos”, de 2009, em que constavam as iniciativas “Sessão Cidadão”, “Clube do Professor”, “Sessão Terceira Idade” e “Escola vai ao cinema”. A “Sessão Cidadão” é a que mais chama atenção por abrir sessões semanais por R\$ 1,00 e possibilitar o acesso das camadas mais baixas da população ao cinema. Atualmente, o cinema também é um dos palcos do Festival Primeiro Plano - Festival de Cinema de Juiz de Fora e Mercocidades, uma realização do Luzes da Cidade – Grupo de Cinéfilos e Produtores Culturais, em que se utiliza o cinema como instrumento educador, incluindo crianças e adolescentes para assistir e discutir produções locais e regionais.

5.Considerações finais

O Cine Palace é, certamente, um marco na história das relações e expectativa cinematográficas em Juiz de Fora. Durante seus 52 anos de funcionamento, o cinema passou por diversas fases: desde o auge das salas de exibição, em que era obrigatório o traje à rigor, a flexibilização do público jovem, como conta Rodrigo Barbosa, até a extinção completa deste modelo de consumo cinematográfico.

Os *shoppings* oferecem uma estrutura pronta e completa aos cinemas: estacionamento, praça de alimentação e seguranças. Dentro deste espaço, a relação é simplesmente de consumo, os próprios filmes são produzidos para o entretenimento do seu público, sem conduzir a reflexões mais profundas. Uma análise sobre os filmes em exibição nas salas dos quatro cinemas atuais em Juiz de Fora já é suficiente para esta comprovação. Os filmes com maior exibição são os de ficção e aventura. Os dramas, antiga predominância no Cine Palace, estão em extinção nas telas, inclusive no CineArte Palace.

Os cinemas de rua, sozinhos, não são capazes de se sustentar, devido às mudanças comportamentais e sociais. A popularização do centro, retirou o seu título de ponto de encontro cultural, mas não o transferiu para outra parte da cidade, em específico. Juiz de Fora carece de um local, um nó na rede de sociabilidades, para o acesso comum e o debate artístico.

É inerente ao poder público renovar os espaços urbanos. É preciso promover a desvinculação da arte do consumo, para que Juiz de Fora volte a pensar com pioneirismo e respirar cultura. O futuro do Cine Palace é incerto: a população espera a qualquer momento a notícia do encerramento das atividades cinematográficas no local, tendo em vista que o comprador do imóvel no leilão do dia 28 de abril de 2015 permanece em sigilo. Por ser uma atividade de alto custo e, atualmente, pouco retorno lucrativo, é pouco provável que o novo proprietário deseje que permaneça a função de cinema no prédio, apesar de não poder alterar a fachada e, por enquanto, nem mesmo reformar o interior, devido ao processo de tombamento provisório do interior do antigo cinema.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FVG.

ASSIS, Maurício José Amaral. **A trajetória das salas de cinema de Belo Horizonte: sociabilidade no espaço UNIBANCO Belas Artes e nas salas de cinema do Shopping Cidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG. 2006.

ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. **Memórias do cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora**. 1. ed. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2014.

BARBOSA, Rodrigo Fonseca: depoimento [mar. 2015]. Entrevista cedida à Gilberto Faúla Avelar Neto. Juiz de Fora, 2015.

BRASIL. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2013**. Agência Nacional do Cinema. Disponível em <http://issuu.com/oca_ancine/docs/anu__rio_estat__stico_do_cinema_bra/34?e=0> Acesso em 14 abr. 2015.

CAIAFA, Janice; FERRAZ, Talitha. Comunicação e sociabilidade nos cinemas de estação, cineclubes e multiplex do subúrbio carioca da Leopoldina. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, n. 24, p. 127-140, 2012.
CATALDI, Décio. Crônica diária. **Diário Mercantil**. Juiz de Fora, 14 jul 1955. Roteiro Social.

FERNANDES, Elisabeth Parizzi: depoimento [jun. 2015].]. Entrevista cedida à Gilberto Faúla Avelar Neto. Juiz de Fora, 2015.

FERRAZ, Talitha. Entre arquiteturas e imagens em movimento: cinemas, corporeidades e espetação cinematográfica na Tijuca. In: **Logos 32**. Comunicação e Audiovisual. Ano 17, Nº01, 1º semestre 2010. Rio de Janeiro, 2010. p. 43-55.

HOTZ, Vera. Palace renasce das cinzas. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 28 ago 1999.
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio da antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankin. Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

O LINCE. Inaugurado na cidade o Cine Palace. **O Lince**. Juiz de Fora, nov 1948.

PARIZZI, Waltencyr: depoimento [jun. 2015].]. Entrevista cedida à Gilberto Faúla Avelar Neto. Juiz de Fora, 2015.

PREFEITURA de Juiz de Fora. **Guia dos bens tombados de Juiz de Fora**. Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora (org.). Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.

ROCHA, Izaura. Do abandono à revitalização. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 01 set 1999. Caderno Dois.

TRIBUNA. Cidade pode perder último cinema de rua. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 14 mai 2015. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/cidade-pode-perder-ultimo-cinema-de-rua/>> Acesso em 09 jul 2015.

TRIBUNA. Cine Pálace continua abandonado por banco. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 06 mar 1993.

TRIBUNA. Janelas e portas do Cine Pálace são “lacradas”. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 29 jan 1993.